

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Um fantasma que circula livremente

EM 12 DE ABRIL, FAZ CINQUENTA ANOS que João Francisco dos Santos morreu. Cinquenta anos desde que o corpo ficou na Ilha Grande e o resto - a lenda, o escândalo, a má reputação - se recusou a acompanhar. O Rio de Janeiro é especialista nisso: enterrar pessoas e manter os fantasmas circulando livremente pela cidade. João nasceu em Pernambuco, como manda o registro e a geografia. Madame Satã, não.

MADAME SATÃ NASCEU NA LAPA, parido pela noite, pelo excesso, pela necessidade de sobreviver num lugar onde a polícia confundia ordem com pancada e moral com conveniência. Satã não foi invenção artística nem personagem folclórico: foi resposta. Um corpo em permanente estado de defesa.

NEGRO, POBRE, HOMOSSEXUAL, TRANSFORMISTA, boêmio e brigão - tudo ao mesmo tempo, num Brasil que mal tolerava uma dessas condições isoladamente. Madame Satã foi a soma do que não devia existir. Por isso apanhou, foi preso, voltou a apanhar, voltou a ser preso. A ficha criminal virou currículo involuntário. A marginalidade, endereço fixo.

ANTES QUE A PALAVRA “DIVERSIDADE” FOSSE descoberta por publicitários, Satã já pagava caro por ela. Antes que existisse qualquer ideia de orgulho, ele já sobrevivia na base da coragem bruta. Talvez por isso tenha sido, sem discurso e sem militância organizada, o primeiro grande ícone gay do Brasil urbano. Não por escolha estética, mas por insistência vital.

CINCO DÉCADAS DEPOIS DE SUA MORTE, o país resolveu se mexer.

Um pesquisador da UFRJ, Baltazar de Almeida, propôs que o túmulo de Madame Satã seja reconhecido como patrimônio cultural imaterial LGBTQIA+. É bonito. É simbólico. E é profundamente irônico. O mesmo Estado que perseguiu João Francisco em vida agora cogita protegê-lo depois de morto. Com processo. Com carimbo.

MADAME SATÃ, PATRIMÔNIO. O HOMEM QUE nunca coube em cela, em norma ou em bom comportamento agora precisa caber num parecer técnico. O Brasil tenta, atrasado como sempre, transformar rebeldia em memória administrável. Mas Satã não foi feito para virar placa. Foi feito para circular.

PARA INCOMODAR. PARA LEMBRAR QUE o Rio de Janeiro não nasceu da ordem, mas da desordem organizada; não da virtude, mas da sobrevivência. Seu legado não está apenas numa sepultura da Ilha Grande, mas em cada esquina onde a hipocrisia ainda finge susto diante da diferença.

CINQUENTA ANOS DEPOIS, MADAME SATÃ segue vivo exatamente porque nunca foi aceitável por quem faz as normas. E talvez essa seja sua maior herança: provar que algumas figuras não existem para serem celebradas em silêncio, mas para continuar fazendo barulho - mesmo depois de mortas.



Madame Satã não foi feito para virar placa. Foi feito para circular. Para incomodar.

Um retrato sonoro da maturidade

Com voz cristalina e sensibilidade acústica, a cantora portuguesa Maro lança álbum gravado no Brasil

AFFONSO NUNES

Um retrato íntimo de amadurecimento artístico e pessoal é uma definição adequada para “So Much Has Changed”, novo álbum da cantora e compositora portuguesa Maro. Revelação da nova música de seu país, ela canta transformações emocionais, fruto de suas vivências pessoais e artísticas em canções com letra em inglês.

Gravado inteiramente no Brasil, no estúdio Gargolândia, em Alambari (SP), o disco combina folk, pop e world music em uma paleta acústica diversificada. Arranjos tecidos por violão, piano e com leves texturas eletrônicas emolduram 10 faixas em tom confessional. “Esta música encapsula o capítulo da vida em que estou e, consequentemente, todo o álbum. É uma carta à minha versão mais jovem, a falar sobre o sol depois da tempestade. Um sorriso orgulhoso para a criança interior. A vida é boa e está tudo bem”, explica a cantora ao falar da faixa-título.

O nono álbum da carreira é marcado pela introspecção, pela gratidão e pela consciência do caminho percorrido — tudo costurado por uma visão otimista. Aos 31 anos, a artista demonstra controle e sensibilidade interpretativa. A clareza do timbre se destaca nas passagens mais contidas, onde pequenas inflexões emocionais transformam versos simples em momentos pungentes. “Cheguei ao estúdio com dez canções prontas e, nos dois primeiros dias, escrevi mais oito. Saí em turnê, guardei tudo, mas já sabia que era aquilo que eu queria fazer”, conta.

Nascida em Lisboa em 1994, Maro cresceu ouvindo as vozes que marcaram gerações — João Gilberto, Elis Regina, Chico



Aos 31 anos, Maro é uma das boas revelações da nova música portuguesa e lança ‘So Much Has Changed’



“Cheguei ao estúdio com dez canções prontas e, nos dois primeiros dias, escrevi mais oito. Saí em turnê, guardei tudo, mas já sabia que era aquilo que eu queria fazer”

MARO

Buarque, Milton Nascimento e Caetano Veloso eram referências constantes em casa. Foi ao ouvir “Cais”, na interpretação de Milton Nascimento, que decidiu seguir a música e ingressou na Berklee College of Music, em Boston. A carreira ganhou fôlego a partir de 2018. Três anos atrás, chegou à final do Eurovision com “Saudade, Saudade”, que ficou no Top 10, e hoje soma quase 2 milhões de ouvintes mensais no Spotify.

A ligação com o Brasil é antiga e sólida. Em 2019, integrando a banda de Jacob Collier em turnê por São Paulo, conheceu a família Altério. A proximidade com Pedro Altério, da banda 5 a Seco, e com o estúdio do pai Rafael Altério gerou uma relação artística e afetiva duradoura. No novo álbum, Gabriel Altério assina a bateria e Pedro, a guitarra. A coprodução ficou com Nasaya, que também toca baixo.

So Much Has Changed chega na sequência do aclamado “Hortela” (2023), vencedor do Prémio José Afonso na categoria Álbum Português do Ano. Maro inicia agora uma turnê mundial para apresentar o trabalho.